

Roberto Carneiro

*Doutoramento Honoris Causa*

---

Universidade Aberta  
Teatro Thalia | Lisboa  
21 de junho de 2013

---



UNIVERSIDADE  
**AbERTA**  
[www.uab.pt](http://www.uab.pt)



Roberto Carneiro

*Doutoramento Honoris Causa*

---

Universidade Aberta  
Teatro Thalia | Lisboa  
21 de junho de 2013

---

---

## **FICHA TÉCNICA**

Título | Doutoramento *Honoris Causa* | Roberto Artur da Luz Carneiro

Edição | Universidade Aberta

Organização | Conselho Editorial da UAb

Fotografia | Arquivo da Universidade Aberta

Coleção | Documentos UAb

Produção | Serviços de Produção Digital | Direção de Apoio ao Campus Virtual

Impressão e Acabamentos | Gráficasmares lda.

ISBN | 978-972-674-836-6

ANO | 2018

---

## **Apresentação do Homenageado**

Professor Doutor António Dias de Figueiredo

Magnífico Reitor da Universidade Aberta;  
Senhor Secretário de Estado do Ensino Superior;  
Ilustres Autoridades;  
Senhores Reitores;  
Senhores Professores;  
Minhas Senhoras e meus Senhores.

Na tarefa, que hoje me cabe, de apresentar o *curriculum vitae* do Professor Roberto Carneiro – uma tarefa que muito me honra, pela imensa dimensão intelectual, humana, moral, pedagógica e política da obra do homenageado – vou procurar seguir um percurso em dois momentos.

Num primeiro momento, que a tradição consagrou como apropriado para a ocasião e para esta minha função, procurarei percorrer o *curriculum vitae* do homenageado. Fá-lo-ei tentando ser breve mas dando uma ideia da imensidão, grandeza e quase sufocante intensidade e variedade do seu percurso.

Num segundo momento, procurarei – em tom mais pessoal, de amigo sincero, que tenho o privilégio de ser – referir com mais pormenor algumas das suas actividades dos últimos anos, que me são particularmente caras porque me sinto intelectual e afectivamente muito próximo delas.



Começando pelo primeiro momento, na minha ingénua pretensão de condensar em poucas palavras aquilo que é imenso, direi que:

Roberto Carneiro é professor da Universidade Católica Portuguesa, onde dirige seminários de doutoramento e mestrado em Ciências da Comunicação e Ciências da Educação e rege disciplinas do mestrado em Ciências da Comunicação e dos programas avançados de Gestão para Executivos daquela escola. Na mesma Universidade preside ao Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP).

Licenciou-se em Engenharia Química pelo Instituto Superior Técnico (onde foi assistente entre 1970 e 1974) e obteve o mestrado em Economia de Recursos Humanos pela Universidade do Ulster. Concluiu também estudos avançados em Economia da Educação na London School of Economics. É Doutor Honorário em Ciências da Educação e Presentation Fellow do King's College da Universidade de Londres.

Foi adjunto do Ministro dos Negócios Estrangeiros do IV Governo em 1978 e Director-Geral do Ministério da Educação em 1978-79. Entre as décadas de 1980 e 90 foi membro de três governos constitucionais: Secretário de Estado da Educação do VI Governo (1980-1981), Secretário de Estado da Administração Regional e Local do VIII Governo (1981-1983) e Ministro da Educação do XI Governo (1987-1991). Entre as incontáveis inovações desse seu mandato inclui-se a criação da Universidade Aberta.

É, desde 1975, perito e consultor de grande variedade de organizações internacionais (Banco Mundial, UNESCO, OCDE, Conselho da Europa, União Europeia, OEI) e também de múltiplas organizações nacionais, tendo exercido a sua actividade em domínios como a educação e política educativa, cooperação para o desenvolvimento, governação e administração pública em cerca de 50 países.

Foi membro da Comissão Internacional da UNESCO para a Educação no Século XXI, Presidente de Painéis de Avaliação dos programas ESPRIT e INFO2000 e avaliador externo de projectos de investigação do VI Programa-Quadro, Vice-Presidente do Forum Europeu para a Sociedade da Informação e ainda Vice-Presidente do Grupo de Reflexão Educação-Formação da Comissão Europeia.

Como perito internacional, foi examinador das Políticas Educativas em países tão variados como a França, Turquia e Japão. Exerceu ainda funções como membro da 2.ª Câmara do Programa eEurope e delegado ao Comité Director do Programa eLearning da Comissão Europeia.



Presidiu ao Conselho de Administração da Fundação Escola Portuguesa de Macau e foi Presidente do Conselho Técnico-Científico da Casa Pia de Lisboa. Foi coordenador científico do Observatório da Imigração (ACIDI) tendo exercido idênticas funções no Observatório da Sociedade da Informação e do Conhecimento (UMIC). Presidiu ao Observatório do Plano Tecnológico da Educação e dirigiu a equipa de Avaliação Externa da Iniciativa Novas Oportunidades.

Tem mais de 450 artigos e participação em cerca de 25 livros e publicações sobre Educação, Política da Educação, Gestão Pública, Recursos Humanos, Economias da Educação, Gestão do Conhecimento, História, Prospectiva, Desenvolvimento dos Media, eLearning, Formação Profissional, Gestão, Gestão do Conhecimento, Aprendizagem Organizacional, Sociedade da Informação e muitas outras temáticas contemporâneas.

Foi director da Revista Colóquio/Educação e Sociedade da Fundação Calouste Gulbenkian, Presidente do Conselho Editorial da Revista Nov@Formação e membro do Conselho Científico do World Education Market.

Preside actualmente ao Conselho Editorial do European Journal of Education e é membro do Conselho de Administração da Rede Europeia de Inovação e Investigação MENON.

Foi coordenador de Enciclopédias Didácticas para pais e para alunos e de manuais escolares no domínio das TIC. Desenvolveu uma intensa actividade como formador certificado de professores dos ensinos básico e secundário.

Passo agora ao segundo momento da minha apresentação.

Entre as suas múltiplas publicações em revistas, e centrando-me agora, apenas, em algumas dos últimos anos, há que destacar interessantes artigos, como “Living and Learning, Learning by Living – the Quest for Meaning”, na *International Review of Education* (Springer), onde se centra na procura de sentido na e pela aprendizagem e explora interessantes metáforas, como a da cidade que aprende, realçando as temáticas da cidadania e da democracia.

No *European Journal of Education* assinou vários artigos e editoriais com grande originalidade, entre as quais, em 2002, o artigo “Beyond Formal Education – Learning by Doing”, onde surge a primeira proposta sustentada por dados empíricos da pertinência da acreditação de competências não formais adquiridas pelos trabalhadores no exercício normal das suas actividades profissionais.

Também no *European Journal of Education*, “The Big Picture: Understanding Learning and Metalearning Challenges”, onde mais uma vez visita as temáticas da cidadania, da democracia, do humanismo e dos valores em educação.



No artigo "Achieving a Minimum Learning Platform for All", da mesma revista, aborda a dimensão política e a relevância de um conjunto de valores europeus.

Na sua contribuição para o livro "Changing Cultures in Higher Education", publicado pela Springer em 2010, escreve um artigo sobre a temática do ensino superior, "Transforming Universities", onde aborda, para este nível de ensino, questões de natureza estratégica, organizacional e de teoria da mudança.

Lidera, desde 2010, uma iniciativa intitulada *Open Education Practices and Generativism* onde explora a sua proposta de um novo paradigma da Educação e da Aprendizagem, o Generativismo, como quinta teoria da aprendizagem, que procura ultrapassar as limitações dos paradigmas tradicionais – Behaviorismo, Cognitivismo, Construtivismo e, mais recentemente, o Connectivismo de Siemens e Downes. No âmbito desta sua grande "batalha conceptual", como gosta de lhe chamar, tem escrito e feito múltiplas apresentações públicas. Na sua visão generativista recusa-se a considerar o aprendiz como mero receptor de saberes a partir de oportunidades às quais está conectado, sejam elas MOOCs, redes sociais ou outros eventos educativos menos disruptivos, vendo-o, sim, como sujeito empenhado na co-construção do seu conhecimento e na construção de sentido (*meaning*).

No âmbito do UNESCO Institute on Lifelong Learning, publicou recentemente um livro, intitulado "Discovering the Treasure of Learning" (2011), centrado nas problemáticas da aprendizagem ao longo da vida e das competências necessárias para a exercer.

Dirigiu um interessante e extenso estudo, edição da UNESCO, MENON e CEPCEP, sobre o programa português Novas Oportunidades, intitulado "Accreditation of Prior Learning as a Lever for Lifelong Learning: Lessons Learnt from the New Opportunities Initiative, Portugal".

Tem em publicação um outro extenso estudo, que dirigiu, intitulado "New Learning and Education Innovation: the Role of Information and Communication Technologies", publicado em S. Paulo, Brasil, pela Vanguarda Educação em parceria com a InterDidática.

Integrou recentemente um grupo europeu de peritos de primeiro plano, o *High Level Group on Literacy*, que produziu um interessante estudo sobre literacia que tem vindo a provocar grande impacto a nível europeu. Na sequência deste estudo, está presentemente empenhado na formação de um *European Literacy Network* cujo objectivo principal é criar uma base alargada capaz de superar a proverbial inoperância europeia nestas matérias.

Lidera um novo consórcio europeu, no âmbito do *Lifelong Learning Programme*, o Projecto IGUANA, dirigido para a melhoria da governança nas escolas através de abordagens de "action-learning". Este projecto, que se apoia na crescente evidência científica sobre o tópico, para a qual o próprio projecto contribuiu, procura reflectir e agir na superação das tendências para o immobilismo, a indiferença e a resistência à mudança cultural em educação – a "stuckness" em educação.



Dedica também parte do seus interesses mais recentes às temáticas do bem estar *versus* delinquência juvenil e à superação desta última pela educação. Nesse âmbito, tem em estado avançado de edição um livro intitulado “Youth, Offence and Well-Being: What Science Tells Us”, no qual agrega uma grande variedade de colaboradores internacionais e nacionais que se debruçam sobre as múltiplas dimensões do fenómeno – psicológica, sociológica, cultural, institucional e política – obra que conclui com uma secção de casos de estudo e perspectivas de intervenção.

Espero ter conseguido, mesmo que de forma vaga e lacunar, dar uma ideia da imensa riqueza, intensidade e variedade da obra intelectual, humana, pedagógica, política, moral e cívica de Roberto Carneiro.

Faltou-me, no entanto, mencionar um traço chave – a sua incomparável capacidade para mobilizar, entusiasmar, apaixonar as pessoas por projectos colectivos. E é nesse tom, inspirado pelo poema de António Machado, que gostaria de terminar:

*Caminhante, é o teu rasto  
o caminho e nada mais;  
caminhante, não há caminho  
o caminho faz-se a andar  
(...)  
Caminhante, não há caminho,  
só rastos que ficam no mar*

É essa, afinal, em poucas palavras, a minha função no dia de hoje. Convidar-vos a contemplarem esse rasto de inspiração, sabedoria, exemplo e paixão que Roberto Carneiro deixa em todos os projectos que nos convida a partilharmos com ele.





## **Elogio do Agradado**

Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa

Magnífico Reitor da Universidade Aberta;  
Senhor Secretário de Estado do Ensino Superior;  
Senhor Presidente do Tribunal de Contas;  
Senhor Secretário de Estado da Administração Escolar;  
Ilustres Autoridades;  
Prezados Colegas;  
Minhas Senhoras e meus Senhores.

A vida de todos nós é feita de um longuíssimo rosário de espinhos, entrecortados de momentos mais escassos e breves do mais impressionante júbilo. Para os crentes, instantes de eternidade, para os demais, pelo menos, instantes de humanidade.

Este Doutoramento *Honoris Causa* é um desses instantes.

Só por esse facto, Magnífico Reitor, me sinto para sempre penhorado pelo convite que V. Exa. me formulou para estar presente e louvar quem merece ser louvado. Isto, sendo certo que a tal convite, não foi estranha a fraterna bondade do homenageado e de todos os seus.

Roberto Carneiro recebe hoje o grau de Doutor *Honoris Causa* conferido pela Universidade Aberta.

E recebe-o em preito de gratidão. Gratidão, que não é uma, são duas.

A gratidão da Universidade Aberta (seus responsáveis, mestres e alunos), a quem a sonhou e a criou.



A quem soube entender e fazer frutificar a relevância da ligação à sociedade, a importância das mutantes tecnologias da comunicação, o significado do caminho ido da educação recorrente à educação permanente. E foi o primeiro, numa pátria que é a nossa, num tempo em que muitos se ocuparam de coisas certamente sérias, marcantes, portadoras de futuro mas não esta, que rompia com tradições poderosas, hábitos resistentes e inércias adversas.

Mas também gratidão genérica da Universidade Aberta e de todos nós aqui presentes e de muitos, muitos mais, ao cientista, ao académico, ao cidadão, ao educador, ao homem Roberto Carneiro, de cuja carreira nos falou já com total rigor repassado de amizade, o Senhor Doutor Dias de Figueiredo.

Gratidão ao cientista. Que se formou nas engenharias e por causa delas e não à sua margem, se abriu à economia, à sociologia, à psicologia social, à antropologia, à história, ao direito, à ciência política, às ciências da administração, às ciências da educação. Numa riqueza de intuições, de racionalizações, de vivências que fez e faz ecoar o espírito do verdadeiro enciclopedismo, vasto nos conhecimentos, mas profundo nas crenças e nas reflexões.

Gratidão, do mesmo passo, ao académico. Ao académico da clássica academia que serviu, cuja autonomia consagrou em lei e que quis reformar com olhos de respeito histórico e visão prospetiva.

Ao académico das novas academias, aquelas que enxertadas nas clássicas ou delas distintas, buscam novas pesquisas, novas metodologias de aprendizagem, novos rumos de responsabilidade social, novos horizontes de geografia humana, novos patamares de afirmação da pessoa e das pessoas.

Gratidão ao cidadão. Ao batalhador pela democratização no autoritarismo. Ao defensor da imprensa estudantil. Ao lutador por todas as causas da liberdade, da expressão de pensamento, de reunião, de associação, de ensino, de religião. Ao apóstolo do social, nas IPSS, nas organizações não- governamentais, nas organizações internacionais, na governação da sua e nossa pátria. Do social feito de economia, de trabalho, de saúde e de segurança social, justos e humanamente dignos. E tanto ou mais do que isso, de educação imbuída de uma visão indefetivelmente personalista, que este cidadão ativista, década a década, ano a ano, dia a dia, tão depressa nos movimentos domésticos como nos areópagos internacionais, é um personalista cristão.

Testemunhando a dignidade da pessoa, da pessoa de carne e osso e não da pessoa abstrata, arquétipo distante, asséptico e inodoro, da pessoa em situação. Na sua singularidade, como na sua comunhão, na sua liberdade, como na sua responsabilidade, na sua integralidade – tão integral como deve ser a democracia personalista na sua essência – como na sua existência, na ligação à aprendizagem e à educação.



Ao fim ao cabo, no sonho que fez e faz mover a vida deste cidadão cujo ativismo além de empenhado, foi mais testemunho de vida do que mero (mesmo quando eloquente e tocante) talento de palavra.

Gratidão ao educador. Que o cidadão nunca o teria sido tão completo e mobilizador não fora o educador. O educador por educação, o educador por vocação, o educador por investigação, o educador por missão, o educador por culto das raízes, o educador por salutar dimensão universal.

O educador que estudou, planeou, reformou, divulgou, assessorou cá dentro e por esse mundo fora e governou; e lidou com leis e com seres humanos, doutrinou e aplicou no terreno, viu a floresta e conheceu a árvore.

O educador que começou e começa o seu testemunho na sua própria casa, haurindo a lição dos pais – e quem não recorda sua mãe figura tutelar sempre mestra da vida e sempre ternamente embevecida perante a demonstração inequívoca da sua excelência educativa naquele filho e naquela família – passando o legado não aos quinze filhos sonhados pela Maria do Rosário, mas aos nove (qual deles mais notável) e aos netos que vão crescendo como na Bíblia, na graça do Senhor.

Gratidão ao homem. A essa simbiose inexplicável de oriental e de ocidental, superando as contradições de que falava Malraux na tentação do ocidente. Simbiose de cultura clássica e contemporânea, de cultura atenta à tecnologia e cultura artística, de cultura da academia e de cultura de vida. Simbiose assinalada pela probidade. Essa probidade que deu asas a uma inteligência invulgar, conferiu crédito a uma oratória pedagógica, garantiu respeito a uma lucidez penetrante.

Essa probidade que reuniu à sua volta todos, de todas as latitudes e longitudes quando uma voz injusta tentou, sem eco, beliscar um trajeto de integridade irrepreensível.

E para além de todos esses predicados, o sentido abnegado de missão na família, na amizade, no trabalho, na sociedade, na política, na vida.

Um sentido de missão que é inseparável de um sentido de vida de quem crê numa ética de máximos e não de mínimos, mas com um Deus Pai infinitamente bom, mesmo quando a mensagem revelada por Deus Filho é de uma exemplar radicalidade e a presença de Deus Espírito Santo através dos milénios, representa um incessante chamamento à missão de evangelizar.

Um sentido de vida que aponta para o Além. Mas convida também, desde logo, a criar eternidade, aqui e agora, convertendo nem que seja um momento, esta peregrinação em muito mais do que o vale de lágrimas do Salvé-Rainha, antes a construção, muito imperfeita que seja, das bem-aventuranças, a pensar de modo particular nos deserdados, nos explorados, nos sofredores, nos esquecidos, com os quais se cruza o quotidiano de todos nós.

Numa palavra, aqui viemos e aqui estamos,

Magnífico Reitor,

Em preito de gratidão pela riqueza deste ser, pela sua doação, pela sua vivência de fraternidade e para muitos de nós, de efetiva santidade.

Agradecemos pois, à Universidade Aberta, um instante único que nos permite dizer a Roberto Carneiro o que ele sabe, mas que aqui dito é mais forte e mais fundo. Que outros atingiram poder, fama, dinheiro, audiência. Ele alcançou o essencial. A expressão mais elevada da afirmação da missão pessoal e comunitária e por isso bem pode considerar-se um dos mais realizados de todos nós.

Muito obrigado.



**Intervenção do Doutor *Honoris Causa***  
Professor Doutor Roberto Artur da Luz Carneiro

Magnífico Reitor da Universidade Aberta;  
Senhor Secretário de Estado do Ensino Superior;  
Senhor Representante de Sua Excelência o Presidente da República;  
Senhor Secretário de Estado da Administração Escolar;  
Senhor Presidente do Tribunal de Contas;  
Senhoras e Senhores Reitores e Vice-Reitores;  
Ilustres Doutores da Universidade Aberta e das demais  
Universidades Portuguesas;  
Excelentíssimos Convidados;  
Minhas Senhoras e meus Senhores.

São seguramente discutíveis as razões que levaram o Conselho Científico da Universidade Aberta a decidir conceder-me a mais elevada distinção que uma Academia pode conferir a qualquer cidadão, nacional ou estrangeiro.

Não me compete refutar essas razões por muito que me apetecesse fazê-lo. Compete-me, outrossim, expressar ao Magnífico Reitor, Professor Doutor Paulo Dias que patrocinou pessoalmente a atribuição do grau honorífico em que acabo de ser investido, à Comissão Organizadora das Comemorações do 25.º Aniversário da Universidade Aberta que o propôs, e ao Conselho Científico que por unanimidade o aprovou, a forma extremamente generosa como entendeu avaliar – e assim premiar – os meus méritos científicos e pedagógicos.

A verdade é que, ao fim de quatro décadas e meia de ininterrupta actividade profissional concluo, em boa consciência, que nada fiz de extraordinário.



Tão só procurei, obsessivamente, cumprir o propósito de servir o público interesse e de ajudar a melhorar as condições educacionais no meu país, contribuindo na medida das minhas capacidades restritas para vencer a chaga do atraso estrutural, em tão sensível quanto vital domínio de profundas implicações pessoais, sociais, culturais e económicas. Trata-se de tarefa gigantesca, cuja responsabilidade cabe a uma geração inteira, já que o nosso atávico atraso educativo provém e mantém-se ao longo das últimas duas centúrias.



E permito-me sublinhar que é em tempo de crise que uma nação é chamada a investir estrategicamente na inovação, nos saberes e na formação de qualidade do seu povo, por forma a apetrechar-se para liderar o tempo pós-crise que seguramente se lhe seguirá.

Acresce que constitui para mim uma subida honra ser solenemente investido no grau de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Aberta, nesta emblemática ocasião em que a instituição celebra os seus primeiros 25 anos de vida.

É ainda de elementar justiça que manifeste o meu sentido reconhecimento aos Professores Doutores António Dias de Figueiredo e Marcelo Rebelo de Sousa pelo carinho hiperbólico colocado na minha apresentação e elogio. São ambos companheiros de empolgantes viagens, por superiores causas e desígnios nacionais, em esferas variadas da *res publica*. Aos dois ilustres académicos agradeço do fundo do coração as palavras amigas e a ambos presto público tributo de muita admiração pessoal.

Finalmente, permitam-me uma palavra de especial agradecimento aos familiares e amigos próximos aqui presentes: à minha mulher; aos meus 13 filhos dos quais 12 convergiram dos mais diversos países e continentes para estarem aqui presentes; aos meus 6 netos, a minha 'sobremesa da vida'; aos primos, sobrinhos, compadres e companheiros, cujos testemunhos de fidelidade e de proximidade me conferiram o sopro anímico para continuar o justo combate, sem desfalecimento.

Mais do que me acompanharem, os meus próximos foram sempre a expressão solidária do generoso incentivo e do indispensável apoio. Comigo suportaram, ao longo dos anos de serviço público e em inúmeras circunstâncias, no mais cúmplice silêncio, horas amargas, feitas de públicas incompreensões, infames acusações, desproporcionadas privações, fraquezas pessoais.

No fundo, confesso-o, tudo lhes devo. E se é que algo terei conseguido realizar pela vida fora, tenho uma enorme dívida de gratidão perante uma multidão de credores: os meus queridos pais, com quem aprendi a grandeza do amor silencioso, infelizmente desaparecidos; o meu "congregado" familiar; os mestres que desde a escolaridade básica à universidade me deram gratuitamente o que sabiam e o exemplo de probidade que com eles aprendi; colegas e companheiros de trabalho solidários e incansáveis; e os incondicionais "amigos do peito", conselheiros e companheiros de viagem, muitos que aqui me acompanham.

O passivo acumulado é de tal ordem que vos aconselho seriamente a adopção de uma medida cautelar de aprovisionamento do crédito, uma vez que nunca em vida, serei capaz de amortizá-lo, muito menos falar em pagá-lo na íntegra.

Permitam-me, por último, e primordialmente, que manifeste o meu eterno reconhecimento a Deus Pai, Senhor da História e da Sabedoria, pelas graças e dons que me tem concedido e que são fruto da sua incomensurável bondade para com os deméritos e fraquezas deste seu servidor último.

*Rector Magnificus* da Universidade Aberta,  
Caros colegas, doutores, ilustres convidados

A Universidade Aberta tem pela frente um complexo caderno de encargos.

A tecnologia abre a sociedade – “open society”, torna o mundo plano (T. Friedman), vence a distância e o tempo, e invade todas as esferas pública e privada da vida contemporânea.



Hoje, sem margem para dúvidas, somos uma sociedade tecnologicamente prisioneira. Vivemos, mesmo, o jugo do imperativo tecnológico que se auto-justifica e cujo uso inumano e desmesurado se auto-legitima. Dificilmente escapamos à vertigem tecnológica que se apossou de um mundo síncrono, e impiedosamente competitivo, na corrida pela dianteira da inovação tecnológica.

O ensino superior também se vê açoitado pelo determinismo tecnológico não escapando à velocidade da mudança de contextos.

Basta atentarmos no elenco de novidades que subitamente – falo do comprimento de onda temporal de meses e não de décadas – adquire proeminência no terreno da acção educativa:

■ Recursos Educativos Abertos (*Open Education Resources*), com a crescente comoditização / mercantilização dos objectos e conhecimento;

■ “*Gamification*”, designadamente contemplando a emergência dos “jogos sérios”, com largas aplicações educativas;

■ MOOC (*Massive Open Online Courses*), que comprometem as mais reputadas academias em novos e vastos consórcios globais de oferta de ensino superior (edX, Coursera, Canvas.net, Class2Go, Saylor.org, etc.);

■ Cursos *low-cost*, oriundos de reputadas universidades integrantes do elitista “ivy-league” americano;

■ “*Learning Analytics*”, que proliferam quais cogumelos, na louvável ânsia de tratar “Big Data” de cursos massificados e de personalizar percursos educacionais;

■ “*Augmented Virtual Reality*”, que esbate as fronteiras entre a fantasia e o real, entre o afecto e o intelecto;

■ Web 3.0 ou Web semântica, dotada de potentes ontologias e “data-mining facilities”, cujos agentes inteligentes estreitam a oferta na net de acordo com o perfil de procura habitual do utilizador;

■ mLearning, potenciado pela penetração exponencial dos *tablets* e dos híbridos portáteis;

■ “Voice Recognition”, que transforma radicalmente a relação homem-máquina, fazendo dela uma comunicação eficaz, simples e ergonomicamente “amiga”;

■ “Flexible screen displays”, que permitem ultrapassar as grandes limitações impostas por écrans rígidos e de exígua dimensão;

■ Tecnologia 3D, que revoluciona a animação e a imagem na comunicação pedagógica corrente;

■ etc, etc.

Estamos em presença de verdadeiros ‘*killer applications*’ que estão a provocar o maior *tsunami* observável no ensino superior desde há séculos, facultando o acesso livre, gratuito, fácil e de qualidade, de educação universitária a novos públicos, e varrendo os mais distantes horizontes geográficos e temporais.

Cava-se o fosso entre dois mundos: analógico vs digital, tartaruga vs lebre educativa, *fast vs slow learning*.

E, como é evidente, num tempo ditado pela urgência tecnológica, sobe a necessidade de conquista de maior sentido pessoal e social na manipulação de doses maciças de conhecimento disponível à distância de um click ou de um simples toque (do Homo Zapiens ao Homo Clickens e ao Homo Tactens).



Enfrentamos, assim, o desafio de acrescido “Generativismo” (designação com que venho baptizando, desde 2010, uma quinta teoria da aprendizagem) nas lides com as TIC tendo em vista a superação de um mundo ditado pela oferta torrencial de objectos de aprendizagem.

Sonho com um universo educacional em que a co-criação de conhecimento seja a norma (e não o seu mero consumo), no qual os saberes tácitos sejam tão valorizados quanto os maciçamente codificados, e em que os sujeitos de conhecimento superem os objectos de conhecimento. Essencialmente, aspiro a um tempo em que o homem tecnologicamente equipado seja cada vez mais apto no aproveitamento de um acesso torrencial a novo conhecimento para criar sentido, densificar a ética, e conquistar a sabedoria das sínteses.

Grande desafio, ingente tarefa, urgente missão, se abrem à Universidade Aberta, a cuja comunidade científica e claustro de insignes educadores tenho a honra de passar a pertencer, a partir deste dia memorável de celebração, mas também de assunção de novas responsabilidades pessoais.

---

Dito isto, feito o bosquejo de alguns campos preferenciais para a nova investigação e docência universitárias, seja-me permitida uma partilha na linha de reflexão que um grupo multicultural e pluridisciplinar de pessoas, acolhidas sob a cátedra de Adam Smith, vem fazendo, sob a epígrafe de *International Futures Forum*.

O iluminismo europeu elegeu a razão como motor primeiro, na prática, exclusivo, do universo.

Mais, na sua ânsia demiurga, o homem designa a Ciência e a Tecnologia como critério único para se chegar à Verdade.



O nosso sistema de promoção e de consagração de saberes, desde o 1.º ciclo de estudos primários ao 3.º ciclo universitário, conducente ao doutoramento, assenta num cânone de conhecimentos codificados, fragmentário, disciplinar, e analítico.

Na academia replicamos sistematicamente a ideia de que só é válido aquilo que tem evidência empírica e é explicável por relações de causalidade, apuráveis pela observação de "regularidades", preferencialmente mensuráveis e registáveis.

São estas as verdades ditas canónicas que elevamos à categoria de leis, teoremas, axiomas, paradigmas e modelos interpretativos da realidade.

Neste hino ao primado racionalista, revelação, intuição, emoção, afecto, paixão, surgem como elementos perturbadores do bom raciocínio devendo, por conseguinte, ser liminarmente afastados da postura científica pura, a fim de não a inquinar com questões menores da fragilidade humana.

Mas, ainda que esta fé prometaica nos tenha permitido atingir notáveis – e inegáveis, progressos no plano material – a realidade é que o mundo vive um ambiente crescente de medos e de predação, cavando na humanidade um fosso intransponível entre vencedores (poucos) e vencidos (a multidão).

Ora, em última *ratio*, o imperativo auto-legitimizador da ciência e da tecnologia, e o nanismo ético e cultural que o acompanha, vêm-nos colocando interrogações prementes de cuja resposta depende dramaticamente o nosso destino comum.



Qual o sentido da vida e da morte?

Como discernir entre o bem e o mal numa polis onde aparentemente tudo é permitido e fugaz, onde nada releva como prioridade, imersos como nos encontramos num pântano relativista que nos tolhe e condiciona?

Existirão algoritmos interpretativos capazes de superar a abordagem dicotómica tradicional entre mente e matéria, entre alma e corpo, entre todo e parte, entre mudança e conservação?

Onde e como encontrar a Verdade que escapa ao universo codificado, e restrito, da ciência moderna?

Haverá forma de conciliar métricas da física (*filosofia segunda*, no sentido aristotélico) com categorias ontológicas e cosmológicas da metafísica (*filosofia primeira*, no "ranking" aristotélico), sem cair num cientismo estéril?

A física newtoniana apurou que massa atrai massa na proporção directa das massas e na razão inversa do quadrado da distância. Posteriormente, a teoria da relatividade geral descreve a gravitação em termos análogos ao das três outras forças fundamentais que explicam o nosso universo físico (electromagnética, nuclear forte e nuclear fraca). O problema teórico consiste, agora, em reunir, numa única "teoria unificada de campo", por um lado, a força gravítica, macroscópica, com as demais forças que actuam num plano eminentemente microscópico, e, por essa sua específica condição, se encontram sujeitas às contingências do princípio da incerteza de Heisenberg. Dito de outro modo, ao observador deixa de ser possível actuar "de fora", na exacta medida em que o mero acto de observar altera as características do ente observado.

Mas, há sobretudo dois aspectos que me interessa salientar nesta brevíssima e aligeirada incursão pelos caminhos da mecânica quântica e da física da relatividade: (i) o de que a relatividade geral surge como uma *teoria relacional* na qual o que verdadeiramente importa é a *dinâmica das interações* entre eventos no campo unificado do espaço-tempo, e (ii) o de que, aceitando-se, embora, a gravidade como categoria universal e omnipresente, queda por explicar a *prima ratio*, ou seja, por que razão *massa atrai massa*.

Teilhard de Chardin deu uma explicação genial para o aparentemente inexplicável na pura lógica das ciências da natureza. Propõe ele, singelamente, que massa atrai massa por obra do ... AMOR!

Neste seu entendimento é este o motor primeiro do mundo, nele ínsito desde o tempo zero que precede o Big Bang e desde a emergência da primeira partícula elementar, qual impressão digital, indelével, do seu Criador.

Sem pretender conjunturalizar esta minha intervenção, mas não ignorando as circunstâncias muito difíceis de vida pessoal, familiar e colectiva em que nos vemos hoje mergulhados, concluirei com uma simples pergunta e um arremedo de respostas alternativas.

Porque é que, quando escasseiam os recursos, e se verifica um empobrecimento geral das condições de vida, somos frequentemente levados a conflitos e a violências psíquicas / físicas, e só menos assiduamente somos conduzidos à colaboração / reinvenção, a uma melhor repartição do escasso, ao esforço conjunto e conjugado posto na superação da escassez?

Onde há menos pão, será a sua consequência lógica a luta fratricida pela acumulação ou, alternativamente, será de esperar a partilha pacífica do essencial? Nas circunstâncias onde encolhe o universo de bens a distribuir, a ocorrência mais provável será a sistemática humilhação do fraco pelo forte ou, pelo contrário, poderemos sonhar com a sábia consciencialização de que todos os seres humanos nascem iguais em direitos e deveres?

Não estudei os fundamentos científicos que explicam a dualidade comportamental extrema de humanos quando colocados em situação de depauperação generalizada. Mas de uma coisa estou certo: a de que o Amor, ou a sua falta, pode ser eleita como uma poderosa categoria analítica, susceptível de explicar o comportamento dominante do *bicho humano*: predador ou fraterno. E mais afirmo uma outra convicção profunda: a de que só o respeito escrupuloso pelos direitos fundamentais do Homem, tal como se lê logo a abrir a respectiva Declaração Universal, pode viabilizar soluções duradouras de paz e de concórdia:

*Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.*  
(Artigo 1.º da Declaração Universal dos Direitos do Homem)

Celebramos neste ano de 2013 uma outra importante efeméride.

São os 50 anos do histórico pronunciamento de Martin Luther King, Jr.: *I Have a Dream*.

Foi na marcha sobre Washington, DC, em 28 de agosto de 1963, que, sob a sua influência marcante, se transformou o espectro de uma carnificina, numa extraordinária manifestação pacífica sob sua directa inspiração. Proclamou ele, alcandorado do alto do Lincoln Memorial, mergulhado num ambiente de elevada tensão e de expectativa generalizada de confronto :

*Devolver ódio com ódio multiplica o ódio, acrescentando escuridão a uma noite desprovida de estrelas (...) Não procuraremos satisfazer a nossa sede de liberdade, sorvendo do cálice do revanchismo e do ódio (...) Agora, e sempre, elevar-nos-emos à grandeza de enfrentar a força física com a força anímica.*

Martin Luther King, Jr. era doutor pela Universidade de Boston (estudante brilhante, entra na universidade aos 15 anos e alcança o grau de PhD aos 25 anos, em 1955).

A sua dissertação de doutoramento debruça-se sobre a obra de Paul Tillich, em particular sobre as suas reflexões em torno da trilogia: Amor, Poder e Justiça (Love, Power and Justice). Na sua dissertação, o pastor cristão e activista social, aflora a doutrina pela qual vem a reger a sua corajosa intervenção pública na defesa de ideais pelos quais morre, assassinado, em 4 de abril de 1968, aos 39 anos de idade, numa marcha por direitos fundamentais na cidade de Memphis: na vida, para ter uma existência coerente, cada um terá de encontrar um alinhamento pessoal entre amor e poder, entre deveres e direitos, entre paixão e potência.

Escreve Martin Luther King, Jr.:

*O poder sem amor é destrutivo, e abusivo, enquanto o amor sem poder é sentimental, e anémico. Esta colisão entre um poder imoral e uma moralidade impotente qualifica a maior crise do nosso tempo.*

Com ele, sob sua inspiração, a minha geração sonhou sonhos de redenção e de grandeza emancipadora. Viveu utopias e sobreviveu a frustrações sem jamais deixar de acreditar. Acima de tudo, soube sempre que, com ânimo e entreaajuda, é sempre possível sair do "rés-do-chão da vida", na iluminada expressão do poeta.

### **ÍCARO**

*O sol dos Sonhos derreteu-lhe as asas.  
E caiu lá do céu onde voava  
Ao rés-do-chão da vida.  
A um mar sem ondas onde navegava  
A paz rasteira nunca desmentida...*

*Mas ainda dorida  
No seio sedativo da planura,  
A alma já lhe pede impenitente,  
A graça urgente  
De uma nova aventura.*

Miguel Torga, Diário XII.

As instituições, tal como as pessoas, têm memória.

A memória é o repositório primeiro de cultura organizacional e pessoal, na medida em que regista: os primeiros passos, porventura titubeantes, do recém-nascido; o seu crescimento até à adultez; os falhanços e os sucessos que são fonte primeira de aprendizagens; os protagonistas e actores que vão esculpindo o retrato vivo, perenemente inacabado, do organismo em evolução.

Nesta ocasião, em que se celebra o primeiro quartel de século de uma Universidade que se antevê com vida longa e fecunda, quero associar-me à comemoração. Fá-lo-ei de modo singelo, como participante activo nos seus ritos iniciáticos dando, assim, uma pequena contribuição para espessar o seu património de memórias.

Efectivamente, foi a 15 de Setembro de 1988 que o Conselho de Ministros aprovou o decreto-lei que cria a Universidade Aberta. Não foi uma aprovação simples e fácil – o diploma foi pelo menos 3 vezes a plenário, tendo-se visto objecto de complexas negociações, designadamente com o Ministério das Finanças, antes de poder ser considerado pronto para aprovação. Tivemos de responder, meticulosa e convincentemente, a questões como:

- Porquê uma 14.<sup>a</sup> universidade pública?
- Para quê uma universidade aberta?
- Seriam as outras “fechadas” ou incapazes de se “abrir”?
- Porquê transformar o IPED – Instituto Português de Ensino a Distância e o ITE – Instituto de Tecnologias Educativas, que boas provas tinham dado, o primeiro há 9 anos e o segundo há mais de uma década?

Promulgado a 16 de Novembro e referendado a 18 de Novembro, o D.L. n.º 444/88 vem finalmente a conhecer a luz do dia mediante publicação no DR I série, n.º 278, de 2 de Dezembro de 1988.

São três os argumentos definitivos que convencem o Conselho de Ministros. Eles encontram-se bem expressos na exposição de motivos que fundamenta o agendamento do diploma. Essa argumentação é transposta, em substância, para o texto preambular do Decreto-Lei em apreço:

---

A necessidade de dispor de uma universidade com um alcance muito maior do que as demais que praticam um ensino predominantemente presencial, traduzido na atracção de novos públicos e em ofertas formativas inovadoras.

---

A oportunidade de catapultar a língua portuguesa para horizontes intercontinentais, como língua de formação dos muitos milhões de falantes de português, arquipelagicamente espalhados por todas as latitudes e longitudes do globo.

---

A ideia de promover uma intensa cooperação entre a Universidade Aberta e as demais instituições de ensino superior portuguesas no sentido de “assegurar a máxima difusão à produção de conhecimentos e a viabilização de um enquadramento dos estudantes em regime de ensino a distância”.

---

A posse do primeiro Reitor da Universidade Aberta, Professor Doutor Armando Rocha Trindade – incansável impulsionador da ideia da Universidade Aberta, e seu entusiástico timoneiro inicial, a cuja memória presto a mais sentida homenagem – tem lugar no Salão Nobre do Palácio Ceia, no dia 21 de fevereiro de 1989. Preside à cerimónia solene, verdadeiro momento de arranque da instituição, o Ministro da Educação.

Na cerimónia de posse são de recordar, pelo seu especial simbolismo, algumas passagens das palavras do Ministro de então:



*A Universidade Aberta, projecto inserido em todos os programas de governo dos últimos 10 anos e com dignidade de acolhimento expresso na Lei de Bases do Sistema Educativo, é finalmente uma realidade.*

*O D.L. n.º 444/88, de 2 de dezembro, que procede à criação da Universidade Aberta constitui, assim, a legislação mais largamente cogitada ao longo dos últimos anos e uma das mais ansiosamente esperadas.*

*Tendo embora numerosos pontos de contacto com as outras universidades de ensino a distância espalhadas por todo o mundo, a Universidade Aberta tem – eu diria que necessariamente – a especificidade que a define como diferente de todas as demais, porque desenhada e projectada para o espaço das realidades culturais, sociais, políticas, humanas, que constituem a identidade inconfundível da nação que somos.*

*A instituição (...) vem marcada por um acentuado sentido inovador. Desde logo, em razão da metodologia que a privilegia: a escola irá ao aluno e não o inverso, encerrando esse singelo facto uma potente capacidade democratizadora (...) Uma escola aberta à qual, progressivamente, todos se poderão dirigir, sem formalismo para aprender o que não sabem, ao ritmo que desejam.*

*A instituição “abre-se”, pois, à colaboração com todas aquelas instâncias na sociedade civil – forças económicas, culturais, administrativas, sociais, sindicais – que se preocupam com o problema da qualificação dos recursos humanos e da educação permanente.*

*(...) A Universidade Aberta transporta um nobre desígnio mobilizador: nasce a favor da realização do objectivo estratégico de aumentar as oportunidades de formação dos portugueses; não aparece contra ninguém, nem sequer contra as restantes universidades com as quais terá de cooperar intimamente já que poderá constituir-se na “longa manus” do melhor que nelas tem lugar levando-o à quadrícula mais fina do território nacional.*

*Não se tratou, aqui, de criar mais uma universidade do tipo e segundo o modelo das existentes; mas, antes, de criar uma instituição de tipo diferente, complementar das demais, dirigida a outras populações, a outro tipo de necessidades de formação, a outra forma de educar e de ensinar.*

*A Universidade Aberta surge, por conseguinte, como vector privilegiado de consecução de um velho sonho português, componente indissociável da sua cultura, de abolição das fronteiras geográficas do saber em ordem à realização de formas acrescidas de solidariedade entre povos e de uma visão ecuménica da história.*

Na velha tradição chinesa a relação entre pessoas e instituições rege-se com base no princípio do *guanxi*.

Por *guanxi* entenda-se uma relação privilegiada de confiança, tecida com base em relações mutuamente vantajosas e alavancada por uma rigorosa ética de reciprocidade de interesses.

Com efeito, não há base duradoura para o negócio na China que não se sustente num *quantum* apropriado de *guanxi* forte, alimentado em permanência e perceptível por ambas as partes.

Por muito que a minha condição de mestiçagem o pudesse reclamar não pretendo transpor para a ordem institucional interna os princípios *sínicos* do *guanxi*.

Pretendo, apenas, invocá-lo para justificar um acto de reciprocidade sem o qual o *guanxi* entre a Universidade Aberta e eu – que data de há, pelo menos, 25 anos – se veria seriamente comprometido.

É que para a educação chinesa, nenhuma oferta pode deixar de ter contrapartida, ainda que simbólica, penhor de um sentimento de cumplicidade indestrutível de que o *guanxi* é uma expressão espiritual superlativa.

Acresce que eu provenho do tempo dos ministros do *parque jurássico* – uma período já perdido nas profundezas da episódica memória em que não havia ainda computadores, nem de mesa e muito menos portáteis. Nesse *longinquo* tempo de difusa recordação, ministros havia que faziam gosto em manuscruver pessoalmente as suas intervenções que, uma vez passadas à máquina por diligentes secretárias ou dactilógrafas, eram sujeitas a minuciosas revisões e aperfeiçoamentos.

Senhor Reitor,  
Meu Caro Amigo, Senhor Professor Doutor Paulo Dias,  
Minhas Senhoras e meus Senhores:

Tenho a honra de lhe oferecer, Caro Reitor, e à Universidade Aberta que muito justamente dirige, um fac-simile do original manuscrito da minha intervenção aquando da tomada de posse do seu antecessor, Professor Doutor Armando Rocha Trindade, como primeiro Reitor da Universidade Aberta.

É, tenho consciência, uma fraca contrapartida com a qual pretendo, a título meramente simbólico, significar-lhe a gratidão e a honra que sinto pelo grau honorífico supremo que me foi generosamente concedido e em que acabo de me ver solenemente investido.

Peço-lhe que aceite esta insignificante oferta simbólica na sua exacta medida: uma contribuição pessoal para os anais da história da Universidade Aberta que, espero, possa satisfazer a curiosidade dos cultores das memórias institucionais e historiadores da educação portuguesa.

Bem hajam pelo vosso tocante acolhimento.

Muito obrigado!





## **Encerramento da Cerimónia pelo Reitor da Universidade Aberta**

Professor Doutor Paulo Maria Bastos da Silva Dias

Excelentíssimos Senhores:

Representante do Presidente da República;

Presidente do Tribunal de Contas;

Secretários de Estado;

Embaixadores;

Reitores e Vice-Reitores;

Altos Comissários;

Senhores Presidentes de Câmara;

Administradores de Fundações e de Empresas;

Membros do Conselho Geral da Universidade Aberta;

Diretores de Departamento, Docentes, Investigadores,

Dirigentes e Trabalhadores não docentes;

Estimados estudantes;

Minhas senhoras e meus senhores.

Ao comemorarmos os 25 anos da fundação da Universidade Aberta, é com a maior honra que afirmamos a pertença, de pleno direito, do ilustre Doutor Roberto Carneiro ao claustro académico desta instituição e, desse modo, nos permitimos distinguir o seu percurso singular e notável no pensamento e na ação para o desenvolvimento da Educação na Sociedade da Informação e do Conhecimento.

Trata-se de um percurso complexo e muito rico construído sob os signos da intervenção e inovação, seja no serviço à causa pública em prol da educação e qualificação dos cidadãos, seja na atividade científica.



Foi como decisor político bem apetrechado moral e cientificamente que, em boa hora, Roberto Carneiro tomou a decisão de criação da Universidade Aberta em Portugal, alinhando assim o nosso país com os países europeus mais avançados.

Fundada em 1988, ainda na geração da educação a distância assíncrona, longe do tempo presente das redes de imersão virtual e participação em tempo real, a missão e o projeto da UAb, como universidade pública portuguesa de ensino a distância, caracterizam-se, desde então, por consubstanciarem uma estratégia de qualificação da população adulta e pela valorização da comunidade de falantes de português no mundo. A UAb é hoje expressão de um intenso trabalho intercultural atuante no espaço da língua portuguesa, transformando milhares de pessoas de vários países que se expressam “na nossa língua comum”, na feliz expressão de Antônio Houaiss, numa comunidade com valor para a economia do conhecimento na Sociedade Digital. Quando tanto se fala do valor económico da língua portuguesa, é preciso perceber que ela apenas se pode afirmar à escala global e através da adoção de processos e formas de cooperação cada vez mais inteligentes.

A UAb é, pela sua natureza, um projeto em permanente construção, que se sustenta hoje em múltiplas e inovadoras redes de cooperação para o ensino e a investigação em 31 países, suportadas em programas de desenvolvimento nacionais e internacionais.

Os 25 anos da atividade da UAb, cuja comemoração iniciamos hoje com o reconhecimento público e expresso do pensamento e atividade do prof. Roberto Carneiro para a inovação dos processos educativos e, em particular, para o desenvolvimento do ensino superior a distância, representam uma manifestação clara não só da consolidação do projeto da universidade aberta, em Portugal e no exterior, mas também do desenvolvimento de uma nova conceção sobre o que deve ser a *educação aberta* na sociedade digital.

Não tem sido fácil à UAb, como *universidade pública de ensino a distância*, tendo em conta o que lhe tem sido exigido, a sua coexistência com as outras universidades públicas portuguesas,

dado o confronto entre tipologias de ensino, o confronto dos interesses em jogo e ainda a exigência de resultados.

As adversidades repetidamente enfrentadas pela UAb foram até agora sempre ultrapassadas com mérito e engenho, sobretudo considerando o “cobertor” curto do financiamento público e o seu espaço de atuação à margem dos centros tradicionais de poder do ensino universitário e da investigação em Portugal, que, não raras vezes, são resistentes à mudança e à inovação. Mas a verdade é que estes têm sido anos de estruturação, implantação e consolidação institucional. Veja-se, por exemplo, como, através da inovação pedagógica a UAb se tem inserido progressivamente no mundo académico nacional e internacional.

Num breve balanço, temos de reconhecer que estes foram anos profícuos, plenos de desafios e responsabilidade. Foram anos que aproximaram o ensino superior a distância corporizado pela UAb, com todos os que nela trabalham, da sociedade portuguesa, bem como de outros espaços e comunidades de falantes da língua portuguesa. Foram e são muitos os milhares de pessoas que conhecem bem o significado desta proximidade e desta forma de estar da Universidade Aberta com os seus processos de ensino e formação superior.

O lema da UAb é, como é bom lembrar, “em qualquer lugar do mundo”.



Ele aponta para uma universidade aberta ao mundo, uma universidade que desejamos seja rigorosa, excelente e determinada como qualquer pessoa comum pode ser. Assim, teremos sempre presente que só existe um caminho, o de formar e educar pessoas segundo um compromisso de serviço público, exigência e rigor. Esta é a educação aberta que pretendemos como expressão e fator de inclusão e desenvolvimento da cidadania.

A inclusão das pessoas na economia do conhecimento depende crucialmente da cidadania na sociedade digital. É por isso que a UAb se orgulha de formar, há 25 anos, cidadãos livres e conscientes do seu papel na história.

Como reitor tenho de me pôr, simultaneamente, dentro do trabalho de todos, e, ao mesmo tempo, ver com os olhos da pessoa comum que pretende um serviço de qualidade. Precisamos de melhorar sempre nesta senda, com uma política e uma visão claras de antecipação do futuro.

Este é o compromisso da Universidade Aberta e o meu compromisso.

É um compromisso expresso na nossa missão, *como comunidade educativa composta por muitas pessoas, cada uma na sua função e lugar, e todas elas imprescindíveis*, que entendemos não poder ser alienada, sobretudo nos tempos difíceis e incertos em que vivemos. Nestes tempos difíceis, a Universidade Aberta não deixará de afirmar a sua missão, em estreita cooperação com a sociedade e ao seu serviço.

É uma tarefa difícil, muito difícil, mas que é possível.  
E nós vamos realizá-la.





---

Marcelo Rebelo de Sousa | João Filipe Queiró | Paulo Dias | Roberto Carneiro | António Dias Figueiredo



---

*Coro Lisboa Cantat*



UNIVERSIDADE

AbERTA

[www.uab.pt](http://www.uab.pt)

